

Marcas & Negócios

CUFA-DF

Projetos, sonhos e histórias das favelas

Na quinta-feira, a Central Única das Favelas (Cufa) apresentou o Comunicado, documento que será entregue aos líderes do G20 com as demandas de favelas, comunidades e de periferias em municípios e estados do Brasil. Pelo levantamento, outros 48 países também foram escutados para abordar temas relacionados à sustentabilidade, direitos humanos, combate às desigualdades e à fome.

Iniciativas como a da Cufa repercutem positivamente para a população. Nesse cenário, o braço da entidade, em Brasília, também atua de forma propositiva, por meio dos seus líderes comunitários, para oferecer soluções e fazer a ponte com famílias locais. Ao todo, a entidade possui 15 polos presentes em diversas regiões administrativas.

No Distrito Federal há mais de uma década, a Central Única das Favelas (Cufa-DF) é uma organização que possui, ainda, atuação em 26 estados brasileiros. Com reconhecimento

internacional, foi criada a partir da união entre jovens de várias favelas que buscavam espaços para expressarem suas atitudes, questionamentos ou simplesmente sua vontade de viver.

Na capital, seguindo o seu compromisso de mudança política e social, oferece projetos gratuitos voltados para jovens das periferias. O objetivo da entidade, na prática, é permitir a valorização da diversidade e da equidade em territórios em situação de vulnerabilidade, promovendo empreendedorismo, desenvolvimento socioeconômico e cultural para jovens.

“Nascida da união de jovens, em sua maioria negros, que buscavam expressar suas ideias e talentos, a Cufa promove ações nos âmbitos social, esportivo e cultural, proporcionando acesso a recursos e espaços que essas comunidades muitas vezes não têm. Hoje, a Cufa é reconhecida nacional e internacionalmente pela sua atuação e impacto”, explica Bruno Kessler, presidente da entidade no DF.

Divulgação/CUFA-DF



De acordo com Bruno, o trabalho realizado está em estreita colaboração com as lideranças e moradores das comunidades. “Mantemos um diálogo constante, ouvindo as demandas locais e adaptando nossos projetos para atender às reais necessidades das comunidades. Esse contato direto nos permite atuar de maneira eficaz e desenvolver iniciativas que realmente fazem a diferença”, comenta o presidente.

Projetos sociais

Promover ações de cunho social, esportivo e artístico é parte da premissa da Cufa-DF. Entre as iniciativas, o presidente conta que a entidade se dedica à Taça das Favelas, campeonato de futebol de campo que promove a integração e dá visibilidade ao talento esportivo nas favelas; ao Top Cufa, concurso de beleza que celebra a diversidade e beleza

Três perguntas para

BRUNO KESSLER, PRESIDENTE DA CENTRAL ÚNICA DAS FAVELAS DO DISTRITO FEDERAL (CUFA-DF):

Qual a importância de promover ações de cunho social, esportivo e artístico para a população?

Essas ações são essenciais para proporcionar acesso a oportunidades e para a inclusão social. Muitas vezes, as populações de favelas e periferias são marginalizadas, e projetos como os da Cufa-DF oferecem um caminho para que esses jovens descubram e desenvolvam seus talentos, construindo perspectivas de futuro e fortalecendo suas identidades.

Como a cultura e a arte são utilizadas como ferramentas de transformação social nas favelas?

A cultura e a arte permitem que os jovens se expressem e se conectem com suas raízes, ao mesmo tempo em que

adquirem habilidades que podem ser aplicadas em suas vidas pessoais e profissionais. Na Cufa, acreditamos que a cultura é um meio poderoso de transformação social, capaz de ampliar horizontes e mudar perspectivas, tanto dos participantes quanto do público em geral.

Quais são os planos futuros da Cufa para expandir suas atividades ou impactar mais comunidades?

Queremos ampliar o alcance dos nossos projetos, levando mais oficinas de capacitação, programas culturais e esportivos para outras regiões do DF e entorno. Também buscamos novas parcerias para fortalecer nossas atividades e atingir um número ainda maior de jovens.

das favelas; e ao Cufa Empreenda, programa de capacitação em empreendedorismo, preparando jovens para o mercado e incentivando a criação de negócios.

Além disso, a organização também se mobiliza por meio do Turismo e Empregabilidade, responsável por oferecer oficinas de capacitação em diversas áreas do turismo; e também com a Liga Internacional de Basquete de Rua (LIIBRA), que resgata a prática do basquete 3 x 3 nas comunidades, incentivando a participação esportiva e o trabalho em equipe.

Hoje e amanhã, a atenção da Cufa-DF estará dedicada à Expo Favela, uma feira de negócios cujos expositores são empreendedores e startups de favelas. O presidente ressalta que

os visitantes podem esperar uma programação diversificada, com debates, exposições, mentorias, pitches de startups, camelódromo com produtos locais e muitas atrações culturais. O evento acontece no Sesi Lab, localizado no Setor Cultural Sul, ao lado da Rodoviária do Plano Piloto. Os ingressos são gratuitos e podem ser retirados pelo Sympla.

“A Expo Favela é um evento que promove a economia criativa das favelas, reunindo empreendedores, artistas e lideranças comunitárias para expor seus trabalhos e conectar-se com o mercado. Queremos que o evento reforce o valor e a potência das favelas como centros de inovação e cultura, e ofereça oportunidades de negócio e visibilidade para esses talentos”, destaca Bruno.

TRÂNSITO / A obra *As travessias do Eixão* reúne estudos sobre os problemas e soluções que envolvem uma das principais vias rodoviárias do Distrito Federal. Autores dizem haver saído do “achismo” para dar luz a discussões científicas

Livro analisa o Eixão

» MARIA EDUARDA LAVOCAT

Rodovia DF-002 — conhecida pelos moradores do Distrito Federal como “Eixão” — é uma das principais vias de Brasília. Projetada por Lucio Costa como parte do plano urbanístico da capital federal, faz o papel de “artéria” para o fluxo de veículos que cortam o Plano Piloto, literalmente, de norte a sul, e vice versa. Contudo, se por um lado atende a motoristas, motociclistas e passageiros — que podem trafegar a, no máximo, 80 km/h — essa extensa avenida impacta os não motorizados. Eles enfrentam um dilema para cruzar a via: recorrer a passagens subterrâneas, com iluminação e segurança deficientes, ou arriscar-se a serem atropelados se forem por cima. Essa situação inspirou o livro *As Travessias do Eixão*, lançado semana passada.

A obra reúne diversos estudos, antes dispersos em várias publicações, dissertações e teses, que buscam soluções para o problema. “A ideia do livro nasceu das discussões e ações da Andar a Pé, uma associação civil sem fins lucrativos que defende a promoção da acessibilidade plena, segura e confortável de pedestres no espaço urbano de Brasília. O organizador do livro foi o coordenador dessa entidade, o engenheiro Wilde Cardoso”, explica Carlos Madson Reis, arquiteto urbanista e um dos autores da obra.

As Travessias do Eixão — com oito capítulos escritos por seis coautores e dois colaboradores —, segundo Cardoso, tem o propósito de substituir o “achismo” por dados concretos e científicos, proporcionando uma base racional para os debates sobre a via. “Historicamente, o debate sobre o Eixão tem sido marcado por opiniões pessoais, e o livro oferece dados, informações técnicas e estudos científicos que permitem decisões mais embasadas. Não podemos mais ficar reféns de uma discussão puramente emocional enquanto as pessoas continuam morrendo, sejam motoristas, pedestres ou usuários das passagens subterrâneas, onde há riscos adicionais, especialmente para os mais humildes, que enfrentam esses problemas diariamente”, afirma o engenheiro.

Análises

Ele e Fátima Macedo Martins, arquiteta urbanista, exploram, no primeiro capítulo, a origem das travessias do Eixão. Juntos, buscam entender a situação atual, analisando o projeto de Lucio Costa e as adaptações implementadas posteriormente. Em seguida, no segundo, é apresentada uma pesquisa publicada, em 2023, — pela Associação Andar a Pé, entre outras entidades — que traça o perfil dos usuários das passarelas subterrâneas.

Fotos: Ed Alves/CB/DA.Press



Carlos Madson e Wilde Cardoso, junto a outros quatro coautores e dois colaboradores, apresentam discussões que fogem do emocional



Publicação expõe alternativas para a utilização das passagens subterrâneas de modo que segurança, funcionalidade, sustentabilidade sejam contempladas

O capítulo seguinte traz um estudo que questiona o porquê de apenas 13% dos usuários das travessias residirem no Plano Piloto. “Pedestres e ciclistas enfrentam uma constante sensação de insegurança, seja pelo risco de atropelamentos e acidentes fatais ao atravessarem (o Eixão) por cima seja pelo medo da violência nas passagens subterrâneas, frequentemente sujas e mal iluminadas”, diz Benny Schvartsberg, professor de planejamento urbano e urbanismo da Universidade de Brasília e um dos responsáveis pelos capítulos dois e três.

O livro também discute a gestão institucional da via, que, ao ser designada como DF-002, em 1994, passou a ser tratada como rodovia,

gerando interferências urbanas, especialmente no contexto de atividades de recreação, aos domingos, no Eixão do Lazer. Além disso, analisa dados do Departamento de Estradas de Rodagem (DER) para avaliar o impacto de uma possível redução de velocidade — a 60 km/h — e a diminuição de acidentes, especialmente atropelamentos. Nos capítulos finais, são apresentadas cinco alternativas para as passagens do subsolo, conciliando preservação urbana, segurança, funcionalidade, sustentabilidade e custo-benefício.

Futuro

“As propostas incluem reduzir a velocidade, instalar semáforos,

criar uma ‘ilha verde’ no canteiro central e valorizar o espaço para uso social e humano, à semelhança do que ocorre no Eixão do Lazer aos domingos e feriados”, aponta Schvartsberg.

O lançamento do livro coincide com a decisão da Vara de Meio Ambiente, Desenvolvimento Urbano e Fundiário do DF em realizar uma audiência pública para discutir medidas de segurança e melhorias na avenida. O juiz Carlos Frederico Maroja de Medeiros, que determinou o encontro, orientou que seja avaliada a redução da velocidade no Eixão de 80 km/h para 60 km/h, e implementação de políticas de segurança para os usuários.